

Relato de uma experiência no ensino de literatura africana para alunos de licenciaturas: utilização da robótica como ferramenta para (re)oralizar textos literários

Lúcia Regina Lucas da Rosa

Doutora em Letras (UFRGS). Docente UNILASALLE-Canoas

Alexandre Giordani Andreoli

Mestre em Engenharia Elétrica (UFRGS). Docente UNILASALLE-Canoas

Patrícia Kayser Vargas Mangan

Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação (UFRJ). Docente UNILASALLE-Canoas

Resumo: Este artigo apresenta o relato de uma prática, fruto da reflexão e diálogo entre docentes de diferentes áreas de formação, visando contribuir para a formação de professores nas áreas de Letras e História através de uma proposta de trabalho aliando Literatura e Robótica. Os acadêmicos foram desafiados a realizar uma contação de história ressignificando a oralidade de um conto africano, no contexto da disciplina de Literatura Africana. O conto selecionado, intitulado *O Segredo*, do moçambicano António Chicopa João, foi “teatralizado” por robôs Lego, cuja movimentação por meio de programação e interação com eles era acompanhada pelos narradores. Neste processo, o texto oral que foi escrito volta a ser oral por meio da Robótica. Além disso, por iniciativa dos alunos, foi produzido um vídeo que foi postado no YouTube, constituindo em uma nova mídia e, ao mesmo tempo, podendo servir de material didático. A avaliação da proposta foi positiva, tanto pela análise dos relatos quanto pela observação dos docentes que verificaram que a totalidade dos acadêmicos dedicou-se à atividade e conseguiram criar algo inovador e autoral.

Palavras-chave: Literatura Africana, Interdisciplinaridade, Metodologias ativas.

Report of an experience in teaching african literature to undergraduate students: the use of robotics as a tool for (re)oralize literary texts

Abstract: This paper presents the report of a practice, resulting from reflection and dialogue among teachers of different knowledge areas, aiming to contribute to the teachers' formation in the areas of Literature and History through a work proposal combining Literature and Robotics. The students were challenged to perform a storytelling to give a new meaning to orality of an African tale, in the context of the discipline of African Literature. The story selected, titled *The Secret*, from Mozambican António Chicopa João was “dramatized” by Lego robots, which move through programming and whose interaction with them was accompanied by narrators. In this process, the oral text that was written became orally again by means of robotics. In addition, a video was produced and posted on YouTube through initiative of the students, which resulted in a new media and, at the same time, a teaching material. The evaluation of the proposal was positive, both for the analysis of reports and by teachers observing processes that verified that all the scholars have dedicated themselves to the activity and managed to create something innovative and original.

Keywords: African Literature, Interdisciplinary, Active Methodologies

1. INTRODUÇÃO

Este artigo relata uma experiência realizada em uma instituição de ensino superior (IES) do Rio Grande do Sul a partir da disciplina de Literatura Africana do curso de Letras e do Laboratório de Robótica do curso de Engenharia da Computação. Nessa experiência, os alunos, acadêmicos dos cursos de licenciatura em Letras e em História, foram desafiados a utilizar-se da programação em Robótica com o uso de peças da Lego Education como plataforma para experimentar diferentes aspectos da literatura em estudo. Dois termos que vêm sendo constantemente tratados nos mais diferentes espaços acadêmicos é a importância de formarmos professores para e com uso de metodologias ativas e, ao mesmo tempo, ampliando as possibilidades de visões multi, inter e transdisciplinares. Estes desafios estão postos junto aos atuais avanços tecnológicos também presentes nas escolas que estes futuros professores irão atuar. Essas diferentes tecnologias da informação e comunicação exigem a formação de professores que possam dar conta destas novas demandas. Por exemplo, na rede municipal de escolas onde se situa o campus da IES, local em que este trabalho foi realizado, existem kits de robótica da marca Lego similares aos utilizados pelos acadêmicos.

Este trabalho interdisciplinar pode ser mais facilmente realizado pela própria natureza da Literatura e da Computação. A literatura propicia ampliação da visão de mundo e integração com outras áreas do conhecimento. A partir da narrativa é possível adentrar em novas formas de pensar e ver o mundo para, assim, recriar e repensar a si mesmo e a sociedade. Cada texto, com sua tecitura própria, nos convidam a inaugurar novos horizontes e a instaurar modos de ler que, tanto antecipam inovações quanto consagram tradições. Ao se tratar do ensino de literatura, área específica e tradicional dos cursos de Letras, a reinvenção curricular propicia associação inusitada como trataremos a seguir. Por outro lado, a Robótica é uma área da Computação que está aberta a espaços diferenciados. Em particular, os kits educacionais foram projetados para as mais diversas experimentações e, nesse sentido, o laboratório utilizado serve de apoio e experimentação para as mais diversas situações em aula. Além disso, o fato de termos alunos de diferentes licenciaturas, com diferentes visões e formações anteriores, auxiliam promover um debate que extrapola os limites de uma disciplina única.

Embora não exista um consenso sobre a definição do conceito de interdisciplinaridade, diversos autores concordam com algumas características comuns, como indica Leis (2011, p. 109-110): processo de resolução de problemas; capacidade de integrar modos de pensar de várias disciplinas; saltos do processo do conhecimento por meio de avanços qualitativos; salto cognitivo que ultrapassa o somatório de abordagens disciplinares, entre outras. Foram estas as características que nortearam boa parte das escolhas metodológicas da prática descrita neste texto. Estamos, portanto, diante de um tema tradicional que é a literatura, renovada pelo novo conteúdo – a literatura africana – e pela nova metodologia/tecnologia – a robótica, propiciada pela Lego Education.

2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LETRAS E EM HISTÓRIA

Lecionar em um curso superior faz-nos ter um olhar voltado aos futuros professores, no caso de um curso de licenciatura, e outro olhar voltado ao ensino universitário. Diante da riqueza e diversidade de estudos proporcionados pelos diversos cursos de graduação, a interdisciplinaridade surge naturalmente. Da integração dos professores, ao pensar um currículo participativo e integrado nos diversos saberes, surgem ideias e ideias que vão além da restrição de uma disciplina e sim, da interligação de situações de aprendizagem, constituindo-se, assim, o fazer pedagógico em atos significativos constitutivos do cotidiano da sala de aula. Segundo Angela Kleiman:

Partindo do pressuposto de que é possível fazer na escola um trabalho sério com a escrita em geral e a leitura em particular, porque haveria uma predisposição do jovem de se integrar no mundo global e, ainda, de que a leitura é o instrumento por excelência para tal, [...] é viável estabelecer relações possíveis com as práticas escolares de uso da escrita que sustentariam o desenvolvimento das competências básicas de comunicar, representar, investigar, compreender e contextualizar escolhidas pelo Ministério de Educação para o currículo do ensino médio. (KLEIMAN, 2006, p. 24).

Sendo assim, pela leitura como prática de busca de conhecimento e experimentação, o ensino superior cumpre seu papel de formar bons professores e leitores proficientes. A atividade lúdica com a literatura pressupõe trabalho prévio de análise, reflexão e recriação. A sintonia entre o ensino superior e o ensino básico

autentifica a Universidade como pesquisa em práticas novas e eficientes. Esta sintonia vem de decisões e documentos legais que pautam-se por regulamentos que indicam os caminhos para as escolas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1999) do Ministério da Educação para o Ensino Médio, o sentido do aprendizado na área de língua e literatura tem como direção:

As propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino-aprendizagem no nível médio indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos.

No que se refere a “competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa”, que integram os PCN, são mencionadas apenas duas habilidades mais diretamente relacionadas com a literatura, que são:

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis). Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.

O documento do MEC não aborda a aprendizagem de tecitura do texto literário, tão importante à sua elaboração e compreensão, bem como à amplitude do conhecimento da língua. O documento chamado PCENEM (2002) explica um pouco mais os princípios e objetivos expostos no documento anterior, porém não avança quanto à amplitude do ensino de literatura. Em outros pareceres e, mais recentemente, em discussões sobre competências em relação à prova do Exame Nacional do Ensino médio – ENEM, cada vez mais o estudo da literatura se mescla ao estudo da língua portuguesa, enfatizando aspectos da escrita em detrimento da obra artística. Tanto um quanto outro são indissociáveis sob pena de parcialidade e fragmentação do gênero textual.

No currículo escolar, a disciplina de literatura nem sempre recebe o devido tratamento pedagógico que lhe seria digno. Ao longo do tempo, na trajetória curricular das escolas, o ensino de literatura tem privilegiado mais a sua história e

contexto social, com ênfase em correspondência entre autor e obra, relacionando-os à escola literária ao qual pertencem. Com isso, o caráter peculiar de cada texto, bem como suas relações subjetivas ficam em último plano ou até mesmo não sendo considerados. A relação entre autor e leitor é um importante meio de aprendizagem, na medida em que torna possível ampliar a visão de mundo e vivenciar emoções novas e aprender a superá-las em situações reais de mesmo nível. Segundo Benjamin Abdala Junior (2003, p. 14),

A história literária faz-se de impactos sobre o leitor, de forma análoga aos motivos de sedução do canto épico. Sensibiliza aqueles que têm ouvidos e que aceitam o desafio. [...] Autores e obras também constroem seus espaços de intersecção. Contexto e ruptura, formas previsíveis e imprevisíveis, redundância e informação nova. [...] Na literatura, como noutras séries de nossa cultura, temos repertórios dessas formas que provocaram impactos. São experiências da práxis social que podem ser atualizadas, transformadas.

É este impacto sobre o aluno que fará dele um leitor proficiente e capaz de compreender os obstáculos e entraves da vida. Para isso, a história da literatura precisa ser tratada em sala de aula como um espaço plural, como possibilidades de leituras e releituras mais interiores que exteriores ao próprio texto literário. A partir das marcas linguísticas e de vocabulário, construções e formas de elocução podemos realizar uma leitura com mais complexidade e compreensão não só do tema, mas também da apropriação das formas de escrita e seus significados. É pelo leitor que o texto adquire mais sentido e se faz conhecer. A percepção plural da história da literatura de que trata Abdala Junior (2003) torna os estudos literários mais consistentes. Ao jogar com o previsível e o imprevisível, estabelece-se o momento de aceitação e de repulsa de certas situações e oportunizam-se reações por parte do leitor. Estas reações podem ser repetidas, renovadas ou eliminadas a qualquer momento, conforme o estado emocional e de percepção em que se encontra o leitor. Portanto, a leitura torna vivo o texto e o faz compreensível e próximo na relação autor-texto-leitor.

Quanto ao estudo histórico relacionado às correntes literárias, não há problema algum em retratá-lo de forma descritiva e analítico-sistêmica. Trata-se de uma maneira de situar-se em tempo e espaço e, principalmente, um meio de comparar épocas e estilos distintos, uma forma didática de estudo. O que não pode ocorrer é uma análise meramente descritiva, sem considerar a pluralidade de cada

escola literária e de cada estilo em suas épocas possíveis. Já Tzvetan Todorov (2009) alertava para o reducionismo do ensino da literatura. Conforme o autor, sua escolaridade fora marcada pela leitura atenta e profunda dos textos clássicos e que houve uma mudança no seu modo de lecionar a partir dos anos 70, ao perder o interesse pelos métodos de análise em detrimento da análise em si na busca de encontrar-se com os autores. Ele afirma que “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2009, p. 22).

Sendo o texto literário um meio de ampliação da visão de mundo e de nosso universo, seu estudo torna-se uma mostra de possibilidades estéticas aliada à quebra de fronteiras e faz-nos idealizar outras maneiras de conceber e imaginar o universo. É prática comum organizá-lo no tempo, a fim de que estas possibilidades se confluam para a organização de tendências e criem, assim, agrupamentos possíveis de identificação, ampliando-lhe o campo de análise. Pelas similaridades, buscam-se as diferenças de tais agrupamentos. Daí é necessário valer-se tanto do conhecimento da escritura quanto do contexto de concepção criadora. E o que integra tudo isso é a relação existencial que liga os homens de todas as épocas e de todas as tendências – entre si e ao longo do tempo, abarca os iguais e os diferentes sob a concepção estilística e artística. Nesse sentido, concordamos com Queiroz e Santos (2003, p. 89) ao afirmarem a interação tempo/significado do texto literário e sua relação com outras artes e situações de vida:

A literatura, por ser uma cápsula energética de vidas, potencializa forças que dizem respeito os homens de todos os tempos, razão por que o leitor do presente sempre encontra respostas nas questões colocadas pelas grandes obras do passado. Daí que quanto mais atento à vida, mais aquele que lê pode reconhecer as vivências traduzidas nas várias linguagens em que se manifesta a literatura. Para aprender literatura, pois, há que explorar e estimular a observação, a experiência, a vivência, de modo a desenvolver o senso comparativista, já que tudo se relaciona a tudo – o filme, o teatro, a conversa no ônibus, o modo de estar à mesa, os jogos, os afetos, as canções, a moda -, tudo faz parte das vidas humanas, desejosas de relação (mesmo solitárias, quando têm a si por companhia) e de encontrar maneiras altas e dignas de reconhecer-se no mundo e em seus objetos. (QUEIROZ, SANTOS, 2003, p. 89)

Assim, a função literária se complexifica e amplia perspectivas. Não mais se aceita um mero quadro de informações, mas, sim, se estende este quadro à sua tecitura e às tramas dali oriundas, criando experiências significativas de leitura. A literatura passa a fazer parte da vida e de suas peculiaridades características desde as ações mais momentâneas até as mais eternizadas. Captam-se os fios de realidade tramados aos fios de existência por meio de todas as potencialidades subjetivas do dia a dia.

Para um ensino de literatura de qualidade, que leve em conta todos os aspectos envolvidos no estudo literário, é imprescindível que seja articulado aos conteúdos previstos para os diversos anos de escolaridade, associados a metodologias e práticas didáticas, a fim de se tornarem relevantes e produtivos os momentos de aula. Tanto a escola quanto a universidade, por mais dificuldades que tenham em sua missão, ainda são os agentes responsáveis pela formação e manutenção de leitores, a instituição de ensino “exerce sobre a família e a comunidade um papel de centro irradiador de livros, de leituras e do gosto literário” (CEREJA, 2005, p. 22). Neste caso, o professor é um orientador e um mediador de leituras, é ele quem indica os textos que devem ser lidos, com qual frequência e para quê se lê. Quanto mais convicto estiver o professor de sua influência sobre a formação de leitores, mais sua ação será profícua e contínua, não obtendo apenas um leitor de momento, com o único objetivo de dar conta de uma avaliação e sim para a formação de um cidadão conhecedor de sua cultura e identidade e das demais existentes. A adesão dos alunos para as leituras dependerá da habilidade e das metas estabelecidas pelo professor, uma vez que ele é o condutor das aulas. As propostas didáticas necessitam estar alinhadas a objetivos que levem ao conhecimento do texto literário e suas múltiplas possibilidades, como também à escrita de um texto próprio, perseguindo a forma apresentada e analisada em aula. Segundo resultados de uma pesquisa realizada por Cereja (2005, p. 23),

Esses dados demonstram que a forma como o professor encaminha o trabalho com a leitura extraclasse pode estar relacionada com o grau de adesão dos alunos à leitura das obras indicadas, mas não é determinante. Há outros fatores que também são responsáveis pelo envolvimento do aluno com o projeto de leitura da escola; entre eles, talvez os mais importantes sejam a empatia dos alunos com o professor e o reconhecimento da seriedade desse profissional e seu compromisso com o projeto de leitura.

A formação docente torna-se crucial para o bom desenvolvimento das aulas de literatura de forma adequada a levar os textos literários ao conhecimento e à aproximação dos alunos. Conceitos de Teoria da Literatura de nada adiantam se distanciarem o estudante daquilo que deveria ser o seu principal objetivo: interagir com o texto literário, conhecendo-o de forma profunda e com múltiplas visões possíveis. Os livros didáticos, em geral, mantêm o padrão de leitura e suas propostas de aprendizagem preservam condições essenciais para quem já é um leitor habituado a conviver com livros literários e não para os iniciantes. O ideal seria inverter a lógica comumente apresentada nos manuais de estudo, ou seja, primeiro conhecer os textos literários em si para depois agrupá-los em possíveis escolas literárias e períodos de tempo específicos. Assim, seria possível confirmar o agrupamento ou até mesmo separá-lo, de acordo com suas afinidades, apesar de pertencerem a períodos diferentes de produção. Este nivelamento da forma de estudo e de apresentação de autores e suas produções limitam a leitura e a compreensão, impedindo-as de receberem tratamentos diferenciados e fazendo com que o estudante permaneça distante dos aspectos mais profundos do interior dos textos. Outro aspecto a considerar é o lugar que a escola dá à disciplina de literatura no Ensino Médio, uma vez que os vestibulares já não realizam prova de literatura em todas as Instituições de Ensino Superior. Muitas consideram a literatura como uma forma de aprender a escrever melhor e se apropriar da escrita do português-padrão, sequer levando em conta autores que podem estar antecipando novas formas deste padrão a partir da versatilidade e atualidade da língua. Tampouco consideram a aproximação de certos textos com a oralidade e com formas típicas de regiões específicas do Brasil e de outros países. Ao equívoco de reduzir a amostragem da língua a um certo número restrito de autores, principalmente aqueles de outro século, corresponde o desconhecimento da função da literatura e da função do próprio aprendizado da língua.

A literatura é uma área do conhecimento que se complementa com muitas outras, haja vista a complexidade de situações apresentadas e universos compreendidos nas tramas e poéticas. Dentre elas, a literatura africana apresenta um rol de possibilidades tão inusitadas culturalmente e com linguagem peculiar daquele continente que sua leitura propicia recriação e renovação na maneira de compreendê-la. Este princípio acompanha o leitor comum e, mais ainda, o

profissional de Letras, uma vez que, ao ler, estamos voltados ao ensinar a ler, o que envolve mediações de leitura, crítica literária e produção de material didático. Ao pensar na escola, atualmente, vêm-nos à tona novas tecnologias auxiliando e renovando ao trazer alternativas mais próximas de nossos alunos contemporâneos. É este efervescente contexto que nos leva ao relato que agora apresentamos.

3. RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO DE LITERATURA AFRICANA

3.1 Contexto

Sobre o ensino de literatura há muito que refletir e repensar – tarefa que vem crescendo nos cursos de formação de professores. Esta situação se agravou a partir da Lei 10.639/2003 e da Lei 11.645/2008 que tratam do ensino da cultura africana e afro-brasileira, na medida em que não havia muito conhecimento sequer sobre o continente africano, quanto mais sobre cultura e literatura desses países. No Unilasalle Canoas, foi introduzida na Matriz Curricular do curso de Letras a disciplina de Literatura Africana, a fim de atender à legislação e complementar o estudo de literatura brasileira. Associar autores e textos africanos de países de língua portuguesa à formação do professor de Letras contribuiu sobremaneira para a ampliação de visão de mundo, conhecimento literário e repertório linguístico.

Outra questão importante a se considerar é a diversidade e especificidade dos gêneros textuais. Ler um texto qualquer sabendo a qual gênero ele pertence torna mais curta a distância para o seu entendimento e aproxima o leitor à sua forma de escrita, abrangência e veículo de publicação. Há um contexto situacional que envolve autor e leitor, congregando-os ao(s) sentido(s) do texto. Existem muitas teorias sobre os gêneros, ora privilegiando a forma ora a linguagem, porém, na maioria das classificações, o que se leva em conta é a inserção social e uso do texto e sua aceitabilidade para garantir sua permanência. Para Luiz Antônio Marcuschi (2011, p. 22), “os gêneros não preexistem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva”. A sua dinamicidade alia-se a sua necessidade de prática social nos mais variados segmentos e formas de composição. Para o ensino,

importa-nos compreender o funcionamento da linguagem em gêneros e suas variantes para apreender conteúdos e manifestações linguísticas. O gênero conto foi escolhido para a realização do trabalho interdisciplinar a seguir descrito devido à sua acessibilidade de multiplicação e de acesso à leitura. Pelo conto, o texto é formado a partir de uma simplificação de ações, o que causa efeitos de sentido em grande escala. Diferentemente do romance, por ser de menor extensão, o conto puxa o leitor para dentro de si com mais agilidade e, para isso, requer recursos de estilo pouco percebidos em sua organização textual. Massaud Moisés (1970) considera o conto como a matriz do romance e da novela, elevando-o à categoria de precursor de ambos, podendo ser uma narrativa passível de ser ampliada. Segundo Moisés (1970, p. 112), conto é “uma unidade dramática, uma célula dramática. Portanto, contém um só conflito, um só drama, uma só ação: unidade de ação. Para entender nitidamente essa unidade dramática, temos de considerar ainda outro aspecto da questão: todos os ingredientes do conto levam a um mesmo objetivo, convergem para o mesmo ponto. Assim, a existência dum único conflito, dum única “história”, está intimamente relacionada com essa concentração de efeitos e pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos.

3.2 Descrição da Prática

Inicialmente, foi escolhido um conto para realizar o trabalho interdisciplinar entre Literatura e Robótica, no ano de 2015. A partir de um livro de contos, a própria turma elegeu qual seria o conto a ser trabalhado no projeto que, inicialmente, seria feito em grupos, mas que acabou sendo organizado de forma coletiva. Este projeto teve como objetivos: integrar o texto literário e seu contexto histórico a novas formas de ensinar/aprender; construir modelos motorizados em linguagem de programação/robótica; promover a interdisciplinaridade no ensino de literatura, história e computação.

A singularidade deste trabalho reúne a experiência da professora, que já realizou atividades pedagógicas em Moçambique, na cidade da Beira, em 2013, e a incursão da disciplina Literatura Africana no currículo de Letras, como já foi mencionado. Para dinamizar o estudo, atendeu-se a um convite do Laboratório de Robótica do curso de Engenharia de Computação e foi lançado o desafio aos acadêmicos de integração dessas áreas. Sendo uma novidade, a proposta sou

como desafio, o que aguçou a vontade de executá-la. Tratando-se de um curso que forma professores, o processo de planejar a atividade foi coletivo, desafiador e, acima de tudo, experienciado aula a aula para ser definido somente na última atividade. Partiu-se da leitura do livro *Nganos – contos tradicionais moçambicanos* (MACHADO *et al*, 2007) e da escolha de contos para serem recontados por meio da Robótica. Sendo assim, seguiu-se à vivência de uma aula no Laboratório de Robótica do Unilasalle para mexer com o material, montar e desmontar, aprender programação e verificar possibilidades. Retornando à aula de literatura, cada grupo escolheu um conto para o trabalho. Após mais debates e análises com aulas no Laboratório de Robótica, a turma decidiu realizar a atividade com apenas um conto e com toda a turma envolvida. A Figura 1 ilustra alguns destes momentos de experimentação no Laboratório de Robótica que foram compartilhados nas redes sociais.



Figura 1 – Postagens no *Facebook*, mostrando primeiras interações como o kit Lego.

Assim, escolheu-se o conto *O Segredo*, de António Chicopa João, autor moçambicano. O caminho deste trabalho tem várias peculiaridades, por exemplo, trata-se de um livro organizado por professores brasileiros e um africano, quando foi realizado um trabalho em Moçambique, em 2006, com alunos da Escola Secundária São Francisco de Assis de Mangunde, distrito de Sofala, em Moçambique. Este trabalho consistiu em escrever contos orais por parte dos alunos e organizados em um livro com publicação no Brasil. Dessa forma, o trabalho aqui analisado refez o caminho de origem: um conto oral (da língua africana Ndau) foi escrito em língua portuguesa e novamente foi contado (voltou à oralidade) e representado por meio de robôs.

3.3 Avaliação

A atualização desta contação de história, aliada ao uso da programação e dos blocos da Lego Education inovou no estudo literário tendo tido aprovação dos acadêmicos. A partir dos depoimentos feitos pelos alunos e do professor que auxiliou na parte de robótica, percebemos a emergência de duas categorias: Metodologias ativas e Interdisciplinaridade. Por exemplo, dois depoimentos abaixo indicam a questão da interdisciplinaridade:

- No começo era cético quanto à possibilidade de interdisciplinaridade com a robótica e literatura. Mas me surpreendi com o resultado. A criação e criatividade estão presentes nas duas disciplinas. Não foi tão difícil juntar as peças e formar um trabalho divertido. Contar uma história brincando de Lego provou ser muito divertido. (FRO)

- Acredito que a experiência foi extremamente válida e produtiva. Como aluno, entendo as dificuldades do trabalho. Porém, o envolvimento da turma foi extremamente proveitoso. O trabalho mostrou-se muito eficaz e gratificante, sendo que ele aproximou duas áreas e possibilitou a interação da turma e novos saberes e principalmente, novos métodos para cativar nossos futuros alunos. (TSA)

No segundo depoimento pode-se notar que o acadêmico percebeu significado na prática também para inovar no seu futuro profissional nas escolas. Constatamos também a questão metodológica em outros momentos, como no depoimento de outro aluno:

- Com este trabalho pude perceber que a literatura nos possibilita trabalhar com diversas ferramentas, inclusive o Lego. Todos tiveram a oportunidade de participar, colaborando com o projeto. Cada um desempenhou uma pequena função que foi imprescindível para o sucesso e êxito da história. [...] Após o término e filmagem, passei a refletir e vi que poderia ter ajudado mais na preparação do cenário/decoração. Teria dado mais vida ao projeto. Mesmo assim, foi excelente e espero ter a oportunidade de participar de outras inovações na literatura como esta. (ADM)

No depoimento do professor de Robótica, além de destacar a questão interdisciplinar, demonstrou muito entusiasmo pela atividade realizada, demonstrando a viabilidade de promover este tipo de integração entre docentes de diferentes cursos:

- (...) Se não bastasse, os acadêmicos tiveram um exemplo genial de atividade interdisciplinar, onde os estudantes de Engenharia de Computação puderam ensinar a montar e programar os robôs e personagens para a encenação do conto escolhido, e os estudantes de Letras e de História puderam transmitir o seu olhar crítico sobre a escolha dos contos. (...) A atividade teve, além dos momentos de leitura, discussão, montagem e programação, o momento artístico da produção do cenário e ambientação para a gravação do conto. Foi um exemplo de como se trabalha em equipe, com todas as diferenças culturais, étnico-raciais, técnicas, de nível de conhecimento ou de habilidades, enfim, foram postas de lado em prol da construção de um novo conhecimento. Ao final, uma salva de palmas e uma produção artística, literária e tecnológica foi realizada e, no sentido amplo da palavra, compartilhada na internet, ficando eternizado o momento. A experiência lúdica e divertida sobre um assunto sério que envolve questões tão sérias envolvendo a tecnologia da robótica só pode ter um nome: inovação. (PAA)

A atividade final bem como o envolvimento e a participação de todos foram amplamente registrados pelos alunos e professores, em fotos (Figura 2) e vídeo que foram compartilhados e comentados presencial e virtualmente.

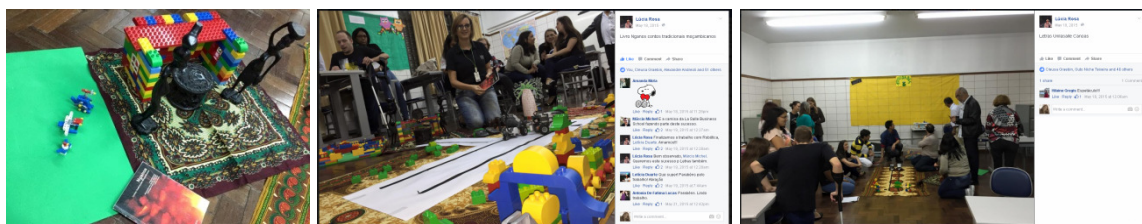


Figura 2 – Detalhes da atividade final da disciplina, incluindo postagens do *Facebook*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Associar literatura e robótica requer visão interdisciplinar e trabalho conjunto com objetivos e metas definidas. Aparentemente áreas tão distintas não teriam como relacionar-se, porém, tratando-se de ensino e aprendizagem é possível criarmos novas associações e criarmos novas metodologias e planejamentos curriculares.

A oralidade e a escrita são discutidas há muito tempo na literatura, seja nas narrativas ficcionais, seja nas análises dessas ficções. Dessa relação há fatos imortalizados pela memória, constituindo-se como alicerce para construção e manutenção de identidade. Desde os tempos primitivos, os homens se valem de histórias para representar ideias e sentimentos e, a partir delas, repassar conhecimentos de geração a geração. Muitos mitos surgiram com essa ideia da

busca de explicação para algumas experiências e, assim, perpetuaram-se com o passar do tempo. Alguns deles surgiram dos relatos orais que se fixaram com o tempo e muitos se tornaram mitos entre os povos para os quais o significado influenciava em suas vidas rotineiras. Segundo Mircea Eliade (2006), o mito trata do conhecimento de como tudo surgiu, é pelo mito que o homem entende melhor a si mesmo e o seu modo de vida. Conhecer a origem significa retornar ao passado para identificá-lo, dominá-lo e melhor viver o presente, é recontar a própria história, pois, à medida em que nos reconhecemos em nossa totalidade, remontamos nossa essência e criação. Assim, em muitas culturas, é preciso ir às origens mais primevas para que se entenda o presente. A criação de mitos é estudada por Karen Armstrong (2005, p. 7), na convicção de que “os seres humanos sempre foram criadores de mitos” e seu significado está no passado.

A crença e a necessidade de lembrar histórias contadas pelos antepassados fazem com que o relato aqui analisado credite força de identidade e encontro com as origens. Em *Nganos* – contos tradicionais moçambicanos, fica bem explícita a perpetuação dos costumes, pois os narradores relatam atitudes típicas do povo de origem dos personagens. A técnica da oralidade está presente desde o início do relato pelos sentimentos expressos pelo narrador-personagem envolvendo seus sentimentos em uma situação tipicamente cativante para qualquer povo.

Da mesma forma, ocorre aqui a preparação do leitor de forma performática, induzindo-o a uma situação para depois mudar seu rumo. A atenção do leitor está garantida pelo tema tratado e pela forma como foi recontado com o auxílio de robôs.

A oralidade e a escrita possuem uma trajetória muito antiga e, desde muitas épocas, o ser humano se distingue pela capacidade de ter pensamentos que transcendem sua experiência cotidiana. Esta dicotomia entre contar e escrever é analisada por Frederico Augusto Garcia Fernandes, ao estudar a diferença entre o contador e o escritor, estabelecendo os rumos de cada um. Ambos cumprem diferentes funções e atingem resultados diversos:

O escritor dá outra dimensão aos fatos cotidianos e sentimentos, torna-os pungentes, reelabora-os, fixando-os no tempo com a palavra impressa. O contador, por sua vez, consome os momentos, cada fato vivido é uma aventura que ele pode compartilhar nas suas rodas de conversa. [...] é por isso que a literatura tem duas trilhas: uma da fixação e outra da dinamicidade. A que segue a primeira é

canônica e escrita e a segunda, tradicional e popular (FERNANDES, 2002, p. 13).

A imaginação aguçada do leitor do conto *O Segredo* segue os princípios da técnica usada para manter uma plateia atenta à audição com todo o apelo visual e do movimento. Segundo Northrop Frye (2000), a imaginação ganha maior força nas artes, no amor e na religião; na obra literária, é preciso recuperar o tempo e reconstruir o espaço; há uma necessidade de reconstituir a sequência narrativa, de evidenciar a totalidade, o fechamento. O que fica evidenciado neste trabalho é que quanto mais a imaginação do leitor estiver ativada, mais próximo dele estará o narrador e, portanto, mais intensa a relação entre ambos. E isso aproxima-os de sua história individual e daquela de seu povo.

Para perpetuar a história dos antepassados, importava que elas estivessem “em relação com diversas coletividades, por referência às quais se define a sua identidade de classe no sentido lógico do termo – pertencer a uma pátria, a um segmento de linhagem, a uma faixa etária, a um clã, a uma aldeia, a uma nação, etc”. (AUGE, 1999, p. 43-4). É a revitalização das origens, que vem pela família e continua por ela através da oralidade. A mudança na forma de contar as histórias é examinada por Nei Clara de Lima (2003, p. 12), que, ao estudar narrativas orais, valoriza o tom de verdadeiro que há nelas, portanto, também enaltecendo a oralidade como veículo da emotividade e reflexo da sociedade local:

[...] todos os que me contaram histórias disseram que as ouviram dos mais velhos. Pertencentes ao repertório popular das localidades pesquisadas, elas enfeixam um grande número de imagens mentais e afetivas, segundo as quais os moradores interpretam a si próprios, o seu passado e a sociedade em que vivem (LIMA, 2003, p. 12).

A partir da realidade histórica e cultural de Moçambique, os autores, por meio da literatura de reconhecimento das tradições, fixam o que antes era oral em escrita. Rosário, na introdução de seu livro, afirma: “Tendo estas narrativas sido transcritas para a Língua Portuguesa, é agora o momento de o leitor português apreciar a tradição oral de um povo com que contactou no decorrer dos séculos.” (2001, p. 6). E, na apresentação de *Nganos* – contos tradicionais moçambicanos, os organizadores destacam que

Os contos narrados neste livro não são histórias de ficção, nem simples exercícios literários de jovens habitantes de Moçambique, um dos dez países mais pobres do mundo. São registros preciosos de histórias orais milenares, transmitidas de geração a geração em volta da fogueira. Histórias que abarcam uma cultura resistente à dominação branca, portuguesa, europeia (MACHADO *et al.*, 2007, p.5).

Diante disso, reiteramos o caráter documental e cultural e a importância da interdisciplinaridade nesta atividade. Da oralidade à escrita, da simbiose da linguagem híbrida do texto literário e da robótica um novo tempo com novos propósitos pedagógicos. Por iniciativa dos alunos, foi produzido um vídeo, postado no YouTube¹, constituindo-se de mais uma produção dos alunos e que poderá ser utilizada por eles ou por outros professores como apoio didático.

Finalmente, consideramos que ser docente significa estar constantemente se desafiando a se renovar e se atualizar bem como a experimentar novas tecnologias. Com uma folha de papel em branco podemos transcrever um texto, desenhar uma paisagem, realizar uma dobradura (origami)... e com um kit de robótica ou um computador, o que podemos ou devemos fazer? Estimular esta reflexão em nossos acadêmicos e nos futuros leitores deste relato é o ponto de partida para ampliar a realização de práticas educativas cada vez mais significativas.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AUGE, Marc. *O sentido dos outros*. Trad. Francisco Manuel Filho. Petrópolis: Vozes, 1999.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: ensaios sobre mitopoética*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

JUNIOR, Benjamin Abdala. História literária e o ensino das literaturas de língua portuguesa. In: BECKER, Paulo; BARBOSA, Marcia Helena s. (orgs.). *Questões de literatura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

¹ Disponível em <https://youtu.be/AfezZRqLzo>

- KLEIMAN, Angela B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Marcia (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P. 23-36.
- LEIS, Héctor Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In PHILIPPI Jr., Arlindo; SILVA NETO, Antonio J. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011, p. 106-122.
- LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- MACHADO, Alexsandro dos Santos; FAZ-VER, Domingos Pedro Zina; DUARTE, Letícia (orgs.). *Nganos – Contos tradicionais moçambicanos*. Porto Alegre: Algo mais, 2 ed. 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 1999.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária – introdução à problemática da literatura*. 3 ed. rev. e aum. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- ROSÁRIO, Lourenço do. *Contos africanos*. Lisboa: Texto Editora, 2001.
- QUEIROZ, Vera e SANTOS, Roberto Corrêa dos. Linhas para o ensino da literatura. In: BECKER, Paulo & BARBOSA, Marcia Helena s. (Orgs.). *Questões de literatura*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.